

APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar-lhe os onze trabalhos que selecionamos para esse número 09 do volume XI dos Cadernos do CN-LF, sob a legenda de Pragmática, apesar de trazer artigos que podem não ter uma aplicação direta dela, pelo menos do ponto de vista mais ortodoxo.

Apresentamos-lhe, a seguir, um resumo de cada um deles, pela ordem de apresentação, conforme consta no sumário anteriormente apresentado.

Karina falou sobre o filósofo da linguagem Ludwig Wittgenstein e sua contribuição para os estudos semânticos, tratando da aquisição da linguagem como um jogo, uma atividade complexa, onde muitas coisas estão envolvidas para que a palavra adquira o seu significado. Segundo ele, linguagem está sempre contida dentro de algum contexto de ação, que vai nos ajudar a informar e a compreender aqueles signos que estão sendo utilizados.

Karla analisa relatórios produzidos pelos professores em curso de formação, de característica interacional, investigando os tipos de *implicatura conversacional* produzidos e as estratégias de *manutenção e/ou quebra de face* usadas, guiada pelo *Princípio da Cooperação* e pelas noções da *Teoria da Polidez*.

André observa que a noção de discurso implica uma maneira de conceber a linguagem resultante das influências de diversas correntes das ciências humanas reunidas freqüentemente sob o prisma da Pragmática, analisando entrevistas da revista Playboy em que são entrevistadas personagens importantes da sociedade brasileira, observando e destacando, no jogo da interação entre entrevistador e entrevistado, momentos em que esses ameaçam as faces do outro e as estratégias de polidez de que fazem uso para preservar sua fachada social.

Carmen mostra que a norma lingüística é algo comum, na comunicação, entre o emissor e o receptor, que adquirem na comunidade e que lhes facilita a compreensão. A fala é a imagem de uma norma e varia de usuário para usuário, mas, na verdade, existem duas

realidades lingüísticas: a da língua que se fala e a da língua que se escreve.

Sabrina analisa as estratégias de polidez encontradas na peça de teatro *O fidalgo Aprendiz*, escrita no século XVII por D. Francisco Manuel de Melo, observando como é feita a construção, a ameaça e a preservação da face do personagem principal da peça (o fidalgo D. Gil).

Guilherme trata da construção lingüístico-semiológica do sentido, a partir de uma análise crítica das mensagens verbais e não-verbais provenientes do discurso publicitário, levando em conta o conceito de “Interpretante” como aquilo que um signo está apto a produzir na mente do intérprete. Concluindo, depois de algumas indagações, que todo discurso carrega algum grau de persuasão, mais ou menos explícito. Conclui que a posição da linguagem e a sua função na estrutura sociocultural do cotidiano é a da palavra-de-orderm.

Aline trata das estratégias de construção de técnicas de persuasão em peças publicitárias, adotando perspectivas da Pragmática das máximas conversacionais no Princípio da Cooperação proposto por Grice e da elaboração de faces e estratégias de polidez a partir de Brown e Levinson, analisando três peças publicitárias.

Maria Cristina e Cátia analisam testes aplicados para certificar a proficiência lingüística dos intérpretes de língua de sinais e identificam critérios utilizáveis no julgamento, por meio de uma amostragem da sinalização de candidatos a intérpretes de língua de sinais, potenciais membros de bancas avaliadoras, pessoas surdas e ouvintes.

José da Cruz destaca as transformações da linguagem policial no século XX, lembrando que a variação lingüística dentro de uma comunidade pode ocorrer em relação ao gênero, à escolaridade, à profissão, à idade, à classe social etc., passando pela sociolingüística e pela sociologia da linguagem e tendo por sujeitos da pesquisa os policiais civis lotados em distritos e delegacias especializadas em Teresina (PI).

Alzira analisa o suporte *outdoor* que veicula propagandas da empresa Hortifruti S/A, considerando as leis do discurso que regem a comunicação verbal, adaptadas às dificuldades deste gênero, exami-

nado sob o ponto de vista do Princípio de Cooperação, de Paul Grice, e abordando o mecanismo da implicatura, com referência à “quebra das máximas”, no que diz respeito à sobreposição dos enunciados que colaboram para a construção dos sentidos.

Por fim, Isaura analisa os efeitos de humor em quatro tiras de Miguel Paiva na série “Gatão de Meia-Idade”, publicada no jornal *O Globo*, mostrando que os interlocutores trabalham a mensagem linguística num jogo combinatório e cooperativo, paralelamente ao significado convencional das palavras e demonstrando que a interpretação do humor depende das implicaturas, além de conhecimento de mundo e que a manifestação do riso passa necessariamente pela violação do Princípio de Cooperação das Máximas Conversacionais.

Com as desculpas dos autores pela singeleza e incompletude das sínteses aqui realizadas, esperamos ter mostrado com poucas palavras o que foi desenvolvido em dezenas e dezenas de páginas bem elaboradas.

Aguardamos a opinião dos leitores para que possamos fazer algo melhor em uma próxima oportunidade.

Rio de Janeiro, agosto de 2008.

José Pereira da Silva